

CARTA POLÍTICA INTERCÂMBIO DE JUVENTUDES

Brasil - Moçambique





CARTA POLÍTICA | INTERCÂMBIO DE JUVENTUDES BRASIL - MOÇAMBIQUE

Nós, jovens de Brasil e Moçambique, somos conectadas/os pelas veias do oceano Atlântico, pelas nossas naturezas e culturas que se cruzam na ancestralidade. Somos jovens de territórios que foram saqueados ao longo da história por uma elite que se apropriou das nossas terras, florestas, águas, saberes e de nossos próprios corpos. Somos jovens que sentiram a necessidade de se organizar e criar conexões em partilha e aprendizagem para a construção de um projeto alternativo e popular de resistência contra a hegemonia da branquitude e do capital que destrói cotidianamente os nossos territórios.

Assim nasce o Intercâmbio de Juventudes: Brasil – Moçambique, realizado nos dias 15 e 16 de maio de 2021, de forma virtual, com a participação de mais de 30 jovens das cidades de Moatize, em Tete, Moçambique, do Rio de Janeiro (RJ), Fortaleza (CE), Itapecuru-Mirim (MA) e Açailândia (MA), Brasil. Nesse intercâmbio, defendemos a nossa autonomia e a nossa soberania territorial e de existência por meio da busca pela garantia dos nossos direitos, criando alianças e sendo a força motriz para a transformação de pensamentos e ações da sociedade.

Do quilombo Santa Rosa dos Pretos, no Maranhão, Brasil, à cidade de Moatize em Tete, Moçambique; de Piquiá de Baixo, no Maranhão, à comunidade de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, atravessando os caminhos dos que estão à beira mar na comunidade Serviluz, no Ceará, estamos em luta contra as violações cometidas pelas especulações do capital, pelos megaprojetos e pela mineração. Estamos em luta, em especial contra as violências e abusos cometidos pela Vale S.A., incluindo a Vale Moçambique.

Assim, juntas e juntos, queremos reconhecimento, pertencimento e dignidade. Queremos um território livre dessa ideologia

branca e elitista do capital que está intimamente ligada com a ideia de destruição e de morte que vem da mineração e dos grandes projetos. Ideologias que não nos servem. Queremos uma educação construída por nós, que pare de contar a história pelo olhar do colonizador, que glorifique as lutas populares por libertação e justiça.

Queremos uma educação de qualidade para todas e todos. Escolas profissionais para formar jovens e escolas primárias para acabar com o analfabetismo. Queremos qualidade de vida, queremos fonte de renda e de trabalho digno que dialogue com o fortalecimento do território, e que não nos coloque apenas como força de trabalho a serviço da exploração. Queremos terra para plantar. Queremos justas compensações pelas nossas terras invadidas pela Vale S.A. Queremos nossos territórios livres de mineração. Queremos a valorização da nossa cultura. Queremos equipamentos culturais construídos pelo ideal coletivo, que pense não só nas lógicas urbanas centralizadas, mas no contexto das demais formas comunitárias. Queremos informação sobre os nossos direitos. Queremos saúde e acesso aos meios de cuidado. Queremos deixar de inalar, dia após dia, poeira de minério, poeira de carvão e poeira das violentas explosões da mineração. Queremos as nossas casas sem rachaduras. Queremos acesso aos nossos rios e riachos e aos banhos de mar. Queremos soberania alimentar. Queremos o direito à água potável e à terra fértil. Queremos um ambiente íntegro e integral. Queremos a paz.

Queremos autonomia, pois o nosso atual modelo de sociedade é falido. A democracia é burguesa e colonial. Queremos respeito aos direitos humanos, ao nosso modo de viver. Para que assim a gente possa envolver as nossas comunidades, cidades e todo o mundo, a partir de nossa visão, cosmovisão, do que é o melhor para nós. Afinal, é a terra que nos ensina e é ela que nos pede por vida. O princípio da vida vem da terra.

Faremos isso com revolução, mobilização e revolta. Só podemos fazer algo diferente de forma organizada, coletiva e em solidariedade entre os povos, contando a verdade das coisas, da nossa ancestralidade e do nosso território, contra toda a mentira capitalista que impera. Faremos por meio de nossa organização coletiva e ativa enquanto jovens, buscando e exigindo políticas públicas ambientais e sociais. Buscando uma maior compreensão sobre os nossos direitos por meio da educação nas escolas públicas e ações nas comunidades, com incidência política.

Faremos isso reconhecendo-nos enquanto pesquisadoras e pesquisadores, professoras, professores e agentes políticos. Faremos isso reconhecendo-nos como jovens que pensam e executam o fortalecimento da economia criativa e solidária, da agroecologia e das formas alternativas ao modelo de desenvolvimento centrado nos megaprojetos; jovens que fomentam o bem-viver por meio do conhecimento que vem da terra, pela sabedoria ancestral. Faremos isso reconhecendo-nos enquanto jovens que formam outros jovens por meio das trocas de experiências e da escuta atenta.

Por fim, é preciso estarmos organizadas e organizados, utilizando a afetividade e a revolta em prol da nossa capacidade criativa de articulação na busca de estratégias. Juntas e juntos somos protagonistas, enquanto sujeitos de nossa própria narrativa, da verdadeira história. Esta história é nossa, esta terra é nossa! Pela nossa autonomia e liberdade!

**A LUTA CONTINUA, ATÉ QUE TODOS E TODAS
TENHAMOS UMA VIDA SAUDÁVEL E DIGNA!**

Brasil – Moçambique
Maio de 2021

TERRA MINHA

Autor: **Samito Farias**
Moatize/Moçambique

Ai terra minha
Ai terra minha

Este machado faz-me lembrar
dos tempos que acompanhava
minha avó na sua machamba

Ai terra minha
Ai terra minha

À volta da machamba cortava
umas estacas para fazer capoeira
e também usar como lenha.

A caminho da machamba andava devagar, com meus sonhos na
cabeça, sonhando que um dia posso ganhar bolsa de estudos para
o exterior.

Ai terra minha

Em dois mil e sete, num belo dia, liguei meu rádio e escutei umas
notícias que diziam que o governo de Moçambique assinou o primeiro
contrato com a empresa mineradora Vale, aí pulei de alegria, é desta
vez que vou ganhar a bolsa de estudos para um país lusófono que é
o Brasil.



Ai terra minha

Ai terra minha

Pulei de alegria sem saber que estava celebrando uma desgraça. Com uma fraca política governamental, o governo e a população, todos estamos na desgraça.

Os nossos dirigentes permitem que a Vale não respeite os nossos direitos, tudo para encherem os seus bolsos, esquecendo que somos todos da mesma terra.

População cega, governo cego. Como é que um cego pode guiar um cego igual? Ambos cairão. Ai minha terra, Moçambique desabou.

HOW MEU PAÍS

De **Félix Manuel**

Tete/Moçambique

How meu país

How Moçambique

How minha terra

Desgraçado pelos homens fortes
Que deixaram famílias e famílias
ao relento

How minha mãe

How minha mãe

Penduraste aquela enchada sua



Que dia após dia pegavas nela para
sachar a terra e produzir a comida
para comermos

Saudades daquela verdura boa
Aquela maçaroca
Aquele pepino
Cadê aquela melancia saborosa

Mas tudo foi
How minha mãe, how família
Consumindo a poeira dia e noite e
estragando o clima

How você carvão mataste a minha vida
Aquela caneta minha que eu confiava
virou pra mim e me matou
Mataste a minha família

Socorro
Socorro



SOBRE MORTE E VIDA

Autora: **Larissa Cabral**

Articulação Internacional dos Atingidos e Atingidas pela Vale (AIAAV)

O mundo parou, mas a Vale não quer parar.
Isso é sobre vida e morte
E haja poesia para aguentar
Precisou um vírus para alertar
Que do jeito que estava não dá para continuar

A elite tem medo de morrer
De engolir do próprio veneno
Não sabem sobre resistir
Não são como nós, que mesmo depois de nos matarem
Insistimos em continuar vivendo

Que este vírus passe logo
Para que possamos nos reencontrar
Que leve com ele a ganância dos opressores
Mas deixe a memória de como é bom poder abraçar

Que passe a nuvem de carvão
Que passe esse barulho estridente
Que nossos territórios sejam livres
E que sejam só da gente
Porque o que vale mesmo é não morrer diariamente

A vida e a morte se encontram no mesmo abismo
Estamos todos doentes
Doentes de capitalismo

Mas, para este mal existe cura
Já aprendemos com os que passaram antes por esse caminho
Que nenhuma maldade dura
Quando a gente deixa de andar sozinho

Enquanto uma mãe puder amamentar sem o julgo da vaidade
Enquanto luto for verbo
E nosso compromisso for com a verdade
Nada será capaz de nos matar

As injustiças não serão eternas
E nós estamos aqui para assegurar
Nós queremos viver
E por isso a mineração precisa parar

Essencial é o povo de cabeça erguida
É o pobre farto de comida
É uma mulher caminhar sem ser constrangida
É enfrentar um genocida
Essencial mesmo, companheiras e companheiros, é a vida

ANCESTRALIDADE

Autora: **Zica Pires**

Quilombo Santa Rosa dos Pretos, Itapecuru-Mirim, Maranhão

Não se prende o que não se pode ver.


Eu sou a própria Liberdade, assim como
a água e o ar, não tenho fronteiras.

O centro é circular, assim como o
caminho, e eu, liberdade, tenho saudades
do meu lugar. No Quilombo, desde
sempre, ouvi dos velhos (jovens há
mais tempo) sobre a pedra fundamental
a Memória, que só serve viva,
coletiva, compartilhada.

Vejo no movimento desse tempo,
século 21, já passados 4 séculos e
345 anos, assentação e firmamento.



No girar, a minha história, a memória que tentaram apagar. Hoje narro a vida sobre giras, giros, em meio a tecidos coloridos, alegres, vivos. Assim é também o som, o toque, o Tambor. Afinado pelo fogo ele também me afina lembranças doutros tempos: 1676 me atravessa desde a mãe do corpo, o Orí.



No corpo guardo o paladar, os cantos e contos, narrativas de Quilombo, a História que é minha e não morre, ancestralidade, a memória da carne. Guardo no corpo segredos, assim como a cabaça, a guardiã da vida. Conto pouco, pois nem tudo se pode contar, a história é milindrosa, mas quem dá de beber, dá o de comer. No Quilombo, como no centro, é assim.

Festa e Liberdade são partilha, alimento, e Luz.

Abençoado seja o espírito de Liberdade que é Erê, filho de dois mundos, o que tudo vê. ISSO, EŞU, EXÚ. É multiplicação, não da carne, e sim do Espírito.

Não está em cima, é intimidade, são as relações do Fundo.

Natureza das coisas, ensinamento. O matriarcado é o que os olhos revelam, é a pedra fundamental da narrativa, é a segurança, a garantia da vida, do bem viver.

Nesse Matriarcado, somos filhos, Herdeiros legítimos do mundo, Rainha Preta.

O meu, nosso corpo é a raiz diaspórica, o segredo, a ancestralidade, o forjamento, a pedra da memória coletiva.

Sou corpo preto, sou a fúria da natureza, equilíbrio e selvageria, ação sem reação. Sou a verdade visível de um mundo onde nada se pode ver.

Eu sou a ANCESTRALIDADE, a continuidade de milhões de histórias. A Memória das Vidas.



REALIZAÇÃO



*Articulação Internacional
dos Atingidos e Atingidas pela Vale*

*International Articulation of those Affected by Vale
Articulación Internacional de Afectados y Afectadas por Vale*

APOIO

MISEREOR
● IHR HILFSWERK